

**FILOLOGIA ROMÂNICA E SUAS RELAÇÕES HISTÓRICAS
E SOCIAIS COM O TROVADORISMO NA FORMAÇÃO
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Antonio Cilírio da Silva Neto (UEMA)

antonioneto5@professor.uema.br

Bruna Mikaelle Garcia da Silva (UEMA)

brunamikaely27@hotmail.com

Danilo Corrêa da Silva (UEMA)

danicocorrea1999@gmail.com

RESUMO

Temos por objetivo apresentar um breve histórico sobre Filologia Românica e suas relações com o Trovadorismo. Teoricamente, nos fiamos nos textos de Ilari (1999), Bassetto (2001), Basso e Gonçalves (2010), Moisés (1980) e Teresinha (2009). Para esses autores, com o expansionismo do Império Romano, houve uma mistura linguística e cultural que fez surgir variações na língua latina. Diante disso, foi importante conhecer fatores que influenciaram de algum modo a constituição da língua portuguesa. Metodologicamente, esse estudo partiu de leituras, reflexões e análises críticas e argumentativas de bibliografias buscadas em livros e artigos científicos em páginas da *web*. Recolheu-se dados e informações para a constituição deste trabalho a partir das aulas da disciplina de Filologia Românica aqui na UEMA. Contudo, observou-se que não é só devido as diferenças linguísticas surgidas do chamado “latim vulgar” que se deu origem as mais variadas línguas românicas, mas essas de alguma maneira influenciaram na constituição da nossa língua, para isso reflexões filológicas são necessárias nessa constituição.

Palavras-chave:

Trovadorismo. Filologia Românica. Latim Vulgar.

ABSTRACT

We aim to present a brief history of Romanesque Philology and its relations with Troubadour. Theoretically, we rely on the texts of Ilari (1999), Bassetto (2001), Basso and Gonçalves (2010), Moisés (1980) and Teresinha (2009). For these authors, with the expansion of the Roman Empire, there was a linguistic and cultural mixture that gave rise to variations in the Latin language. Therefore, it was important to know factors that influenced the constitution of the Portuguese language in some way. Methodologically, this study started from readings, reflections and critical and argumentative analyzes of bibliographies searched in books and scientific articles on web pages. Data and information were collected for the constitution of this work from the classes of the subject of Romance Philology here at UEMA. However, it was observed that it is not only due to the linguistic differences arising from the so-called “vulgar Latin” that the most varied Romance languages originated, but these somehow influenced the constitution of our language, for this philological reflections are necessary in this constitution.

Keywords:

Troubadourism. Romanesque Philology. Vulgar Latin.

1. Introdução

A Filologia, palavra do grego antigo, formada pelos seguintes radicais: *filos* = amigo + *logos* = estudo, foi utilizada no sentido de “amor ao estudo, à instrução e à erudição. E na antiguidade, o filólogo direcionava seus estudos principalmente ao conhecimento da cultura escrita. Entretanto, posteriormente a filologia passou a ser considerada como uma ciência que estuda, historicamente, uma língua, literatura, cultura ou civilização, com base em documentos como pergaminhos, papiros avulsos, livros e inscrições feitas em pedras, metais, construções e outros materiais (TERESINHA, 2009).

Ademais, ajuda-nos a compreender a origem da nossa língua, contudo, vai muito além disso, perpassando na História (Ciência que estuda os acontecimentos do passado) e Sociologia (Ciência que estuda a sociedade), busca assim, não apenas saber as modificações que as línguas sofreram e as semelhanças que possui entre si, mas quer encontrar as respostas através de fatos históricos e sociais sobre o que desencadeou tais acontecimentos.

Devido a isso, é notória a importância do estudo do Trovadorismo, um movimento que coexistiu com a formação e o estabelecimento da língua portuguesa, e a relação com a língua occitana, da Europa Moderna, a primeira língua literária, por consequência, será mostrada a influência que teve sobre o português, a nossa língua materna. Para este estudo nos baseamos em teóricos como Massaud Moisés (1980), Alfredo Rodríguez (1996), Basso e Gonçalves (2010), Teresinha (2009) entre outros.

Portanto, abordou-se, de modo geral, os conceitos da Filologia Românica e suas relações com o movimento trovadoresco. E de maneira específica descreveu-se conceitos, classificações, principais autores e obras do Trovadorismo e a importância das línguas occitana e galega e suas relações com o movimento trovadoresco, para enfim, se fazer uma abordagem histórica com o surgimento da língua portuguesa.

2. A importância das relações do movimento trovadoresco com outras línguas para o surgimento da língua portuguesa

Historicamente, o Trovadorismo foi um movimento que surgiu no século XI, em Portugal, teve seu ápice no final do século XII a meados do século XIV, sendo que, da língua portuguesa, foi o primeiro movimento literário. Em relação as suas origens, é proveniente da região conhecida como Occitânia, e posteriormente se espalhou por toda a Europa. Além disso, baseava-se no teocentrismo, ou seja, Deus era o centro de tudo, o catolicismo tinha grande influência nos escritos trovadorescos, devido ao domínio do clero sobre as questões econômicas e políticas.

Não obstante, o contexto histórico, era o período medieval, no qual o sistema econômico vigente era os feudos, que consistia em grandes propriedades controladas pelo “suserano” (aquele que concedia direito à exploração de suas terras), o senhor do feudo, oferecia assim, proteção aos seus “vassalos” (aqueles que “recebiam” as terras), em troca produziam bens de consumo (MENDONÇA, 2019).

Contudo, a partir do século IV e V, o Império Romano do Ocidente entrou em declínio devido as crises econômicas, as disputas militares pelo poder e as invasões bárbaras. Por consequência, o latim vulgar, que era a língua falada pela população pobre e estrangeira, totalizando a maioria do Império, fez surgir as línguas românicas (derivadas do latim), um exemplo é a nossa própria língua, o português (TERESINHA, 2009).

Nesse sentido, muitas obras desse movimento literário e poético sobreviveram, sendo preservadas em manuscritos conhecidos como *chansonniers* (“cancioneiros”), e uma dessas obras tem um destaque especial, *Leys d’amors* (1356), nela está contida as regras e instruções acerca da arte trovadoresca, no qual, está presente, codificações de formas e estilos usados pelos trovadores:

As famosas *Leys d’amors*, de 1356, trazem um conjunto de regras ortográficas, fonéticas, morfológicas e estilísticas da “língua romana”, além de normas métrica e retórica, sendo uma tentativa de reverter o processo de decadência em que estava a poesia trovadoresca (BASSETTO, 2001, p. 213)

Assim, para título de curiosidade, de origem românica, a língua occitana que foi a primeira língua literária da Europa moderna, a língua dos trovadores, também chamada de occitânica ou provençal (em francês, *langue d’oc*; em occitano, *lenga d’òc*), Basso e Gonçalves destacam que:

O provençal, do antigo grupo chamado de *langue d'oc*, é um dos Dialetos do ocitânico, com o qual muitas vezes se confunde, e é falado ainda hoje em uma extensa área do sul da França. As diferenças principais com relação ao grupo das línguas *d'oïl* é que, enquanto o norte foi dominado pelos francos, o sul foi dominado pelos visigodos (BASSO; GONÇALVES, 2010, p. 54)

Sob essa ótica, é consenso entre os esses estudiosos considerá-la como a língua regional mais falada no território francês; é falada em diversos lugares como: no sul da França (ao sul do rio Loire), Vales Occitanos (região montanhosa do sul dos Alpes e de administração italiana), Mônaco (Zona costeira do Mediterrâneo, na França) no Vale de Arão (Comarca espanhola situada nos Pireneus centrais, no extremo noroeste da Catalunha) e na Guarda Piemontesa (Comuna italiana da região da Calábria).

Diante disso, o Trovadorismo é considerado uma das escolas Literárias mais brilhantes, sendo base e influência para diversos movimentos que surgiria posteriormente, sendo influenciador de toda poesia lírica europeia. Ademais, etimologicamente falando, a palavra trovador é uma forma derivada do francês, tendo por gênese, o vocábulo “*trobar*” da língua occitana, que significa, “inventar” e “encontrar” (KITCHIN, 1987). Logo, é notório que o significado está intrinsecamente ligado ao trabalho dos canceiros, que no caso, consistia na composição de poemas, encontrando assim novos versos que expressavam os seus sentimentos e emoções.

Diante disso, as poesias trovadorescas em sua totalidade eram feitas para serem cantadas, fazendo assim, uma aproximação entre a poesia e a musicalidade, por conseguinte, diversos instrumentos musicais eram utilizados como exemplo temos: viola, lira, harpa, flauta, alaúde e pandeiro (MOISÉS, 1980). Assim, as cantigas eram apresentadas em jograis, no qual, consistia em locais onde os poemas eram declamados ou cantados, a maioria das canções possuíam um coro, principalmente no refrão. A maioria dos trovadores eram da alta nobreza, e muitos faziam suas composições apenas por lazer, contudo, havia aqueles que agiam como mecenas de outros artistas.

Além disso, é de grande valia saber que o termo “trovador” era ligado ao compositor das poesias, e o “menestrel”, era o músico, que além de tocar os instrumentos também recitava os poemas, por serem cantados facilitavam a memorização pelos ouvintes, sendo que apenas os nobres tinham acesso a educação, por fim, eram chamados de segréis aqueles que tinha a “profissão de trovador”, ou seja, eram pagos para cantar e re-

citar suas composições, sendo e o galego português o idioma oficial dessas composições (MOISÉS, 1980).

Por consequência, o Trovadorismo pode ser considerado como um movimento “itinerante”, pois os trovadores faziam muitas viagens pelos feudos, burgos e cortes apresentando suas cantigas, Coelho relata que:

É com os trovadores provençais que renasce a poesia lírica, cuja última manifestação surgira entre os romanos. Novamente a Literatura expressa as emoções interiores do homem, e especificamente a amorosa. Levada pelos trovadores, jograis ou menestréis, largamente protegidos pelas cortes, a poesia trovadoresca atravessa os Alpes e os Pireneus e vai provocar o nascimento da poesia nacional de Portugal, Espanha e Itália. E com ela que nasce a poesia portuguesa. (COELHO, 1993, p. 127-8)

Contudo, a poesia trovadoresca era escrita em pergaminhos e manuscritos, chegando aos nossos dias através das compilações dos cancioneiros, e os mais conhecidos são os pergaminhos *Vindel e Sharrer*, que além de canções possuíam a notação musical, fato que possibilitou gravações contemporâneas de algumas cantigas, como “Ondas do mar de Vigo”, do jogral Martin Codax. Assim, dentre os autores que mais se destacaram do Trovadorismo estão: João Soares de Paiva, Ricardo Coração de Leão, João Zorro, Afonso Sanches, Martin Codax, Paio Soares de Taveirós, João Garcia de Guilhade, Paio Gomes Charinho, Pedro III de Aragão, Vasco Martins de Resende, D. Afonso X, D. Dinis I, entre outros.

Desse modo, em Portugal uma obra considerada como ponto de início do Trovadorismo galego-português foi a “Cantiga da Ribeirinha” (ou “Cantiga de Guarvaia”), escrita pelo trovador Paio Soares da Taveirós no ano de 1189 ou 1198 (MOISÉS, 1980), porém não há consenso na data em que foi escrita, e esta foi uma das produções literárias trovadorescas mais antiga do território lusitano em uma época que a literatura portuguesa não possuía, ainda, uma identidade nacional. Ademais, o monarca e trovador Dom Dinis I foi quem incentivou a criação de uma cultura lusitana e estabeleceu o galego-português como a língua oficial do reino em 1290.

Moisés (1980) esclarece que, as cantigas trovadorescas são classificadas em cantiga lírica (de amigo e amor) e cantiga satírica (de escárnio ou maldizer). Nas cantigas de amigo o eu lírico é feminino em que os autores tentam expressar os sentimentos das mulheres, contudo era escrita por homens (trovadores) e sempre em primeira pessoa, apresentando um diálogo baseado em uma determinada história.

Ademais, uma marca constante nesses poemas é que a “donzela” lamenta a partida do seu “amigo”, que naquele contexto simbolizava ser o amante ou namorado, sob esse prisma, sempre idealizava essa saudade, mas apesar de ser um amor distante este era real e recíproco diferentemente das cantigas de amor.

Por consequência, a angústia era um sentimento constante que ela sentia. possuindo muitas incertezas acerca do seu amado, não sendo de conhecimento dela se ele voltaria da guerra ou se a trocaria por outra. Nas cantigas de amigo se recorria, também, a religiosidade, fazendo preces a Deus para que o seu amado retornasse. Outro fator interessante era que o tema da natureza sempre era retratado, os cancioneiros relatam nas suas poesias uma espécie de conexão entre os amantes e elementos da natureza como: pássaros, rios, flores, luz etc. (MOISÉS, 1980).

Segundo Moisés, para consolá-la surge o confidente, a pessoa que a “donzela” entrega seus segredos, revela o romance e os mistérios acerca do seu amor, essa revelação pode ser para suas amigas, sua mãe ou até para um elemento da natureza personificado. Por exemplo, apresentamos a cantiga “Balaiada” de Aires Nunes escrita na segunda metade do século XIII:

Bailemos nós já todas três, ai amigas,
so aquestas avelaneiras frolidas,
e quen for velida, como nós, velidas,
se amig'amar,
so aquestas avelaneiras frolidas
verrá bailar.

Bailemos nós já todas três, ai irmanas,
soaqueste ramo destas avelanas,
e quem ben parecer, como nós parecemos,
se amig'amar,
soaqueste ramo destas avelanas
verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos,
soaqueste ramo frolido bailemos
e quenben parecer, como nós parecemos,
soaqueste ramo solo que bailemos
se amig'amar,
verrá bailar.

(NUNES, 1926–1928, p. 235 *apud* MOISÉS, 1980, p. 20)

Paulatinamente, as cantigas de amor escritas na primeira pessoa do singular possuem um eu lírico masculino, essas sofreram grandes influências da arte desenvolvida na região da Provença, localizada no sul

da França em o lirismo provençal se intensificou a partir da chegada dos colonos franceses na Península Ibérica, esses sendo responsáveis por inspirar os trovadores galego-portugueses e trazendo dessa forma a exaltação do amor cortês.

Com esse sentimento, na Baixa Idade Média, período compreendido entre o século X e XIV, no qual, era de grande estima as regras de condutas sociais, principalmente relacionados a ideias de cavalaria, desenvolveu-se a prática do *fin' amor* (“Amor fino”) e *amour fine* (amor nobre e puro), consistindo no cortejo que os jovens cavaleiros praticavam para damas já casadas.

Sendo assim, o senhor feudal praticava um jogo amoroso em o amor cortês servia para a estimulação do desejo do jovem cavaleiro de possuir a mulher nobre, e isso é ressaltado em História do Mundo por Fernandes baseado em Georges Duby historiador francês e especialista em história medieval. Para ele, os cavaleiros permaneciam:

Amontoados na corte do senhor [os jovens cavaleiros] esperavam que a dama dele os distinguisse com um amor sincero e desinteressado. O ideal do amor cortês, tornado comum aos grandes senhores e aos novos-ricos, constituiu assim um meio de atenuar a tensão entre os diferentes estratos da nobreza feudal. [...] O amor puro (*fin' amor*) celebrava a abstinência, conservando ao mesmo tempo uma coloração carnal e, por isso, agradava à alta nobreza. A exaltação, ao mesmo tempo alegre e casta, do desejo suscitado pela mulher amada tomava uma tonalidade quase mística e saciava facilmente os fantasmas dos mais modestos. (DUBY, 1992, p. 108-109 *apud* FERNANDES, 2021)

Diante disso, o cavaleiro nunca concretiza o seu desejo, pois sua dama era idealizada e seu amor inalcançável, era visto como um “coitado” e, possivelmente, nunca iria possuir a amada, porque essa possuía características divinas o que caracteriza a vassalagem amorosa, ou seja, ele seria uma espécie de servo e a dama considerada como sua “senhora”, assim, a coita seria o sofrimento proveniente desse amor platônico, como exemplo dessas poesias temos, abaixo, a Cantiga do Rei D. Dinis (1261–1325):

Hun tal home sei eu, ai bem talhada,
que por vós tem a as morte chegada;
vede quem é e seed'ennenbrada;
eu, mia dona.

Hun tal home sei eu que perto sente
de si morte chegada certamente;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

vede quem é e venha-vos em mente;
eu, mia dona.

Hun tal home sei eu, aquest' oide;
que por vós morr' e vo-lo em partide,
vede quem é e non xe vos abride;
eu, mia dona.

(NUNES, 1932, p. 93-4 *apud* MOISÉS, 1980, p. 18)

Ademais, temos as cantigas de escárnio e maldizer que diferem das cantigas de amigo, em que consistiam na crítica indireta e sarcástica acerca de uma pessoa em que evitava-se citar o nome dessa pessoa que seria alvo das ofensas, por exemplo, temos a canção de Pero Garcia Burgalês, escrita no século XIII:

Esto fez el por ùa as senhor
Que quer gran bem, e mais vos em diria:
Por que cuida que faz i maestria,
E nos cantares que faz, á sabor
De morrer i e des i d'ar viver;
Esto faz el que x'o pode fazer,
Mais outr'omem per ren' nono faria.

E non á já de as morte pavor,
Senon as morte mais la temeria,
Mais sabe bem, per as sabedoria,
Que viverá, des quando morto for,
E faz-[s'] em seu cantar morte prender,
Des i ar vive: vedes que poder
Que lhi Deus deu, mais que non cuidaria.

E, se mi Deus a mim desse poder
Qual oj'el á, pois morrer, de viver,
Já mais morte nunca temeria.
(NUNES, 1943, p. 400 *apud* MOISÉS, 1980, p. 26).

Entretanto, as cantigas de maldizer consistiam em uma sátira direta, um “arsenal” de grosserias e vulgaridades, muitas das vezes chegando a ser pornográfica e obscena. Ao contrário da de escárnio, o nome da pessoa que era o centro dos insultos era citado nos versos. Percebe-se isso na canção de João Garcia de Guilhade, também escrita no século XIII:

Ai, dona fea! Foste-vos queixar
Que vos nunca louv'em meu trobar;
Mas ora quero fazer um cantar
Em que vos loarei toda via;
E vedes como vos quero loar:
Dona fea, velha e sandia!

Ai, dona fea! Se Deus me pardon!
Pois avedes [a] tangrancoraçon
Que vos eu loe, em esta razõn
Vos quero já loar toda via;
E vedes qual será a loaçõn:
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
Em meu trobar, pero muito trobei;
Mais ora já um bom cantar farei,
Em que vos loarei toda via;
E direi-vos como vos loarei:
Dona fea, velha e sandia!

(NOBILING, 1907, p. 67 *apud* MOISÉS, 1980, p. 28)

Enfim, o trovadorismo galego-português influenciou grandemente na fundação da língua portuguesa, essa língua que foi proveniente das transformações sofridas do latim clássico, ou seja, do latim vulgar e as respectivas línguas românicas. Teresinha (2009) relata que foi indiscutível a campanha expansionista romana, em que se moldou a História Antiga e a Moderna, esses tentaram levar sua cultura para os povos dominados e a imporem sua língua, mas não obtiveram êxito, originou-se assim uma espécie de mesclagem entre essas culturas, a partir dessas transformações geraram-se as várias línguas neolatinas como: português, francês, espanhol, italiano, catalão, entre outras.

3. *Um breve histórico filológico: a influência de outras línguas na constituição da língua portuguesa*

É grande a influência de outras línguas na formação da língua portuguesa, por exemplo do occitano e o galego português, segundo Peixoto da Fonseca (2007) temos vocábulos provenientes desses idiomas como a representação do som [ɲ] nas palavras que apresentam “nh” como: conhecer, manhã e espanhol de origem provençal.

Para Teresinha (2009) a nossa língua é a mais recente dentre as línguas românicas, essa se desenvolveu na Costa oeste da Península Ibérica, localizada na província romana da Lusitânia. Além disso, acrescenta que foi a partir de 218 a. C, período da chegada dos romanos até o século IX, que os estudiosos acreditam que os falares daquela região era uma mistura de latim vulgar com influências de línguas dos povos celtas, germânicos e árabes, contudo, para essa autora, não se tem registros escritos para essa comprovação.

Diante disso, para Rodríguez (1996), o português e o galego possuem a mesma origem e a partir das modificações do latim vulgar na Península Ibérica geram-se os dialetos chamados de romances (ou línguas românicas), contudo o processo de romanização foi mais tardio na parte Ocidental da Península onde se localiza hoje Portugal e a Galiza. Esse autor, ainda, ressalta que mesmo depois da saída dos romanos (século VI), por muito tempo o latim permaneceu como língua escrita, mas o romance já possuía grande influência na língua, fato que é confirmado pelos documentos da época. Assim, em relação a fatores históricos que influenciaram a língua, os romanistas, segundo Ilari, declararam que:

Na distribuição geográfica dos dialetos ibéricos, os romanistas julgam reconhecer os reflexos de dois processos de conquista: de um lado, a própria conquista da Ibéria pelos romanos; de outro, a “Reconquista”, nome pelo qual se indicam as guerras travadas entre os árabes e os cristãos a partir do fim do primeiro milênio, que redundaram na expulsão dos árabes e na consolidação das monarquias cristãs. (ILARI, 1999, p. 168)

Para esse autor, em meados do século XIII houve a unificação de Portugal, tendo em vista que as fronteiras foram definidas, surgiu-se a necessidade de tornar o galego como a língua oficial, sendo definido como “galego português”. É nesse mesmo período que surge a mais antiga coleção de textos poéticos do Trovadorismo galego-português, como o “Cancioneiro da Ajuda”. Nesse tempo o galego foi tido como:

A língua oficial da comunidade autônoma da Galiza, no Estado Espanhol. É também falado em algumas áreas fronteiriças de Astúrias, Leão e Zamora. Existem dificuldades para estabelecer as fronteiras do galego, tanto na do Estado Espanhol como na de Portugal (RODRÍGUEZ, 1996, p. 6)

De acordo com os estudos do Instituto Camões (Instituto da Cooperação e da Língua), houve diversos fenômenos de mudança fonética que de algum modo afetaram o léxico português, como exemplo a palatalização dos grupos iniciais latinos **pl-**, **kl-**, **fl-** na africada palatal surda **tʃ**, nas palavras latinas: *plicare*, *clamare*, *flagrare*, gerando: *tʃegar*, *tʃamar*, *tʃeirar* do galego português, e por fim chegou-se as formas contemporâneas portuguesa: chegar, chamar, cheirar. O motivo dessa evolução linguística ocorreu pela permanência dos invasores germânicos, suevos e visigodos no Noroeste dessa Península.

Portanto, à proporção que os cristãos avançam para o sul, existe uma interação linguística entre o galego e os moçárabes, nesse momento, começa-se a acentuar as diferenças entre o galego e o português. Diante disso, no século XIV, nasce a prosa literária em português, com o “Livro de Linhagens” e “Crônica Geral da Espanha” ambos escritos em 1344

por Dom Pedro, conde de Barcelona. Nesse período, o português se tornou a língua de Lisboa, assim o galego, que tem muitas semelhanças com o português, comumente falado na região espanhola conhecida como Galiza e no norte de Portugal começou a ser considerado como uma língua arcaica. Enfim, sob esse prisma é que o português moderno surgiu. E em 1572 se concretiza a divisão da língua portuguesa em arcaica e moderna, e isso se deu pela publicação da obra de Luís Camões, “Os Lusíadas” (HERCULANO, 2005).

4. Considerações finais

O intuito do trabalho “Filologia Românica e suas relações históricas e sociais como Trovadorismo na formação da língua portuguesa” foi trazer uma breve reflexão acerca dos acontecimentos que de alguma maneira influenciaram na constituição da língua portuguesa. Desse modo, utilizamos os estudiosos da Filologia Românica com seus textos relacionados a língua latina para se compreender essa relação.

Ademais, sob o enfoque de que a língua portuguesa e a galega surgiram do “romance”, denominado galego-português, e de que esse romance é proveniente das evoluções sofridas pelo latim vulgar foi possível se pressupor que essas línguas têm semelhanças e particularidades por razões específicas do lugar onde se estabeleceram, recebendo influências tanto de aspectos históricos como sociais (MENDES; MEDEIROS; OLIVEIRA, 2017).

Observou-se que, o nosso idioma é proveniente das influências e variações da língua latina, contudo, percebemos que a literatura trovadoresca foi um fator determinante para o estabelecimento do nosso idioma. Nessa perspectiva, o Trovadorismo galego-português, foi o nosso primeiro movimento literário que influenciou diretamente na constituição do português como língua. Esse iniciou-se, a princípio, no idioma occitano no período da Idade Média.

Portanto, nessa perspectiva, quando os idiomas galego e português se separaram, esses não perdem suas semelhanças, e consequentemente a língua portuguesa que tem sua constituição derivada desde o latim até influências dos dialetos africanos e indígenas passam pelas mudanças fonológicas, morfológicas e sintáticas. Por fim, fez-se uma conexão entre Filologia Românica e suas relações históricas e sociais com o Trovadorismo na formação da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. 28. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

BASSO, Renato Miguel. GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *História da língua*. Florianópolis-SC: UFSC, 2010.

COELHO, Nelly N. *Literatura e linguagem*. A obra literária e a expressão linguística. 5. ed. Reform. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

FERNANDES, Cláudio. Amor cortês medieval. In: DUBY, Georges (Introd.) *et al.*, Amor e Sexualidade no Ocident. Trad. Port. de A. P. Faria, Lisboa, Terramar, [s.d.], p. 108-9. *Rev. História do Mundo*. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-media/amor-cortes-medieval.htm>. Acesso: fev/2021.

HERCULANO, Susana. A Língua que falamos. *Revista entre livros*. Ano I n. 8. 2005. p. 75-89. Disponível em: <https://historiadalinguaportuguesa.weebly.com/o-galego-portuguecirs.html>. Acesso em: fev/2021.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*: com um ensaio de Ataliba T. de Castilho sobre “O português do Brasil. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

KITCHIN, Darcy Butterworth. *Old Occitan (Provençal) – English Glossary*. Londres: Institut d’estudis occitans de París, 1887.

MENDES, Camilla da Silva; MEDEIROS, Nathalia Reis de; OLIVEIRA, Thiago Soares de. A realização fonética do galego e a do português: um estudo comparativo com o latim. *Entre palavras*, v. 7, p. 107-31, Fortaleza, ago./dez. 2017.

MENDONÇA, Camila. Feudalismo. *Educa mais Brasil*, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feudalismo>.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 9. ed. São Paulo, Cultrix, 1980.

PEIXOTO DA FONSECA, Fernando. V. Sobre a influência do occitano. *Ciber Dúvidas da Língua Portuguesa*. 2007. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/sobre-a-influencia-do-occitano/22179>. Acesso: fevereiro de 2021.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

RODRÍGUEZ, Alfredo Maceira. Galego e português modernos: Um estudo comparativo. *Revista Philologus*. v. 6, p. 30-37. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://filologia.org.br>.

TERESINHA, Leila. História e definição, implicações. In: *Latim Vulgar*. 4. ed. Santa Maria: UFSM, 2009.